



A formação das Testemunhas de Jeová no Brasil: crença, discurso e busca por legitimidade

The formation of Jehovah's Witnesses in Brazil: belief, discourse, and the quest for legitimacy.

Osorio Vieira Borges Junior¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a formação e o processo de busca por legitimidade das Testemunhas de Jeová no Brasil, propondo-se a superar as abordagens acadêmicas prévias, criticadas por seu caráter dogmático e essencialista. Especificamente, a pesquisa se concentra na evolução numérica do grupo entre 1923 e 1973 e na análise da perseguição sofrida durante a Ditadura Militar, compreendendo-a não como anomalia, mas como elemento de reforço identitário. A metodologia utilizada está ancorada na História Cultural das Religiões e combina a Teoria da Economia dos Campos, de Pierre Bourdieu, empregada para mapear o capital, o investimento e o ganho simbólico do grupo no campo religioso brasileiro. As fontes que sustentam o trabalho são variadas, incluindo as próprias publicações da organização, como a revista *A Sentinela* e o *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1974, que fornece dados de crescimento e distribuição de revistas, além de documentos oficiais e de repressão do Estado brasileiro, como um dossiê de 1974 enviado a órgãos de inteligência do governo durante a Ditadura Militar, localizado no Arquivo Nacional do Brasil. A pesquisa demonstra que, ao examinar a formação e a expansão das Testemunhas de Jeová no Brasil entre 1923 e 1973, observa-se que o grupo conquistou um importante ganho simbólico ao ser simultaneamente identificado como adversário pela Igreja Católica e pelo Estado. Essa dupla oposição, especialmente evidenciada nas ações repressivas da Ditadura Militar, foi reelaborada pelos próprios fiéis como um marcador identitário e como uma estratégia que reforçou tanto sua legitimidade quanto sua projeção no campo religioso brasileiro.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová. Autoritarismo. Conflito.

Abstract: This article aims to analyze the formation and the process of seeking legitimacy of Jehovah's Witnesses in Brazil, proposing to overcome previous academic approaches criticized for their dogmatic and essentialist character. Specifically, the research focuses on the group's numerical evolution between 1923 and 1973 and on the analysis of the persecution suffered during the Military Dictatorship, understanding it not as an anomaly but as an element of identity reinforcement. The methodology is anchored in the Cultural History of Religions and combines Pierre Bourdieu's Theory of the Economy of Fields, employed to map the group's capital, investment, and symbolic gain within the Brazilian religious field. The sources supporting this study are varied, including the organization's own publications, such as the magazine *The Watchtower* and the *1974 Yearbook of Jehovah's Witnesses*, which provide data on growth and magazine distribution, as well as official and repressive documents from the Brazilian State, such as a 1974 dossier sent to government intelligence agencies during the Military Dictatorship, located in the National

¹ Doutorando em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pelo Instituto de História (Inhis) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: juniorvieira.osorio@gmail.com.



Archives of Brazil. The research shows that, by examining the formation and expansion of Jehovah's Witnesses in Brazil between 1923 and 1973, it becomes evident that the group achieved a significant symbolic gain by being simultaneously identified as an adversary by both the Catholic Church and the State. This dual opposition – particularly evident in the repressive actions of the Military Dictatorship – was reinterpreted by the believers themselves as an identity marker and as a strategy that strengthened both their legitimacy and their visibility within the Brazilian religious field.

Keywords: Jehovah's Witnesses. Authoritarianism. Conflict.

Introdução

As Testemunhas de Jeová formam uma das expressões religiosas mais singulares do século XX, tanto por sua estrutura organizacional quanto por sua postura de separação em relação ao mundo político e religioso dominante. Originária dos Estados Unidos, a religião teve início em 1870, quando Charles Taze Russell (1852–1916), inspirado por um sermão de Elder Jonas Wendell, reuniu um pequeno grupo dedicado ao estudo da Bíblia, com o propósito de restituir o cristianismo à sua pureza primitiva. Em 1879, Russell fundou a revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence*, ainda hoje publicada sob o título *A Sentinela*, que se tornou o principal veículo de circulação doutrinária e identitária das Testemunhas de Jeová. Essa publicação, fonte primária utilizada nesta pesquisa, não apenas divulgava uma leitura particular das Escrituras, mas também construía uma linguagem simbólica de pertencimento e distinção, por meio da qual o grupo se reconhece e se diferencia de outras tradições cristãs.

A expansão da religião para o Brasil remonta à década de 1920, período em que suas primeiras pregações e publicações começaram a circular em território nacional. O crescimento inicial foi modesto, restrito a pequenos núcleos urbanos e periféricos, até que, nas décadas seguintes, as Testemunhas de Jeová se tornaram mais visíveis, particularmente a partir de 1939, quando passaram a ser monitoradas pelo Estado brasileiro em razão de sua recusa em saudar símbolos nacionais e de sua oposição ao fascismo e à guerra. A postura pacifista e a rejeição ao alistamento militar foram interpretadas como insubordinação política, levando à prisão de diversos adeptos durante o Estado Novo e, mais tarde, à intensificação da vigilância durante a Ditadura Militar. Um dossiê redigido pelo jornalista Wilson Kleber Moreira, intitulado *Testemunhas de Jeová e a Segurança Nacional: Religião ou Subversão?* (1974), que figura como fonte deste trabalho, circulou confidencialmente entre órgãos de inteligência do regime,



ilustrando a interseção entre o campo religioso e o aparato repressivo do Estado (Arquivo Nacional do Brasil, enc. 0084/CISA-RJ, 1976).

Este trabalho ancora-se na História Cultural das Religiões, perspectiva que reconhece as crenças e práticas religiosas como fenômenos históricos e situados, assim como propõe Antônio Benatte (2014, p. 59) ao dizer que “a relação entre história, religião e cultura é hoje tão umbilical que dificilmente podemos imaginar a história religiosa abstraída do campo da história cultural”. Inspirados em Michel de Certeau, partimos da premissa de que compreender uma religião implica compreender as táticas e os modos de fazer de seus praticantes: os gestos cotidianos que produzem sentido em contextos de dominação e vigilância. Assim, a religião é pensada como prática e invenção, e não apenas como doutrina ou dogma.

Associada a essa perspectiva está a noção de campo religioso, que constitui o eixo interpretativo central da pesquisa. Pierre Bourdieu propõe que cada campo social, seja ele político, científico ou religioso, funciona como um espaço de relações, no qual diferentes agentes disputam capitais simbólicos e o monopólio da autoridade legítima. A análise relacional, nesse contexto busca dissecar os textos para formar “o quadro dos caracteres pertinentes de um conjunto de agentes ou de instituições” (Bourdieu, 1989, p. 29).

As fontes que sustentam este trabalho são múltiplas e articuladas entre si. Utilizam-se publicações oficiais da própria organização, como *A Sentinela* e o *Anuário das Testemunhas de Jeová* (especialmente os de 1974 e 2024), que documentam a expansão e o cotidiano religioso do grupo. Além disso, são mobilizados documentos confidenciais do Arquivo Nacional do Brasil, entre eles o *Encaminhamento nº 0084/CISA-RJ* (1976) do Ministério da Aeronáutica, que comprova a circulação do dossiê de Wilson Kleber Moreira entre os órgãos de segurança do regime militar. Essas fontes, quando lidas em diálogo, permitem observar a sobreposição entre o discurso interno de legitimação religiosa e o discurso externo de vigilância política, revelando a formação de um imaginário estatal e social sobre as Testemunhas de Jeová no Brasil.

Ao articular essas dimensões, a crítica à abordagem essencialista predominante, a reconstrução histórica da formação do grupo no Brasil e a aplicação da teoria da economia dos campos, busca-se evidenciar como as Testemunhas de Jeová elaboraram mecanismos específicos de produção de legitimidade no interior do campo religioso brasileiro. A análise das práticas, das perseguições e de sua reelaboração simbólica permitirá



compreender que o crescimento organizacional não se deve apenas a fatores externos, mas a um processo contínuo de negociação identitária, no qual a oposição estatal e eclesial converte-se em recurso de fortalecimento simbólico e posicionamento estratégico no campo.

1. O fosso que separa enunciações e vivências: uma renúncia às generalidades

No Brasil, existem poucas pesquisas e trabalhos acadêmicos dedicados ao estudo das Testemunhas de Jeová. A maior parte das obras disponíveis foi elaborada a partir de uma perspectiva que frequentemente se concentra em aspectos dogmáticos e essencialistas dessa religião. A ausência dessas análises levou à tendência de essencializar a religião, reduzindo-a a meros estereótipos. Os trabalhos acadêmicos produzidos parecem, muitas vezes, apenas confirmar as noções preconcebidas e os estigmas construídos pelo senso comum. Essa abordagem simplista não admite uma historicização adequada que leve em consideração as complexas condições culturais, sociais e políticas dos territórios onde as Testemunhas de Jeová se estabeleceram. Como resultado, há uma falta de compreensão das nuances que cercam a prática religiosa e das experiências vividas por seus membros, o que impede uma apreciação do fenômeno religioso em questão, considerando e admitindo suas contradições.

Como exemplo dessa tendência, Eduardo Góes de Castro (2007, p. 8) classifica as Testemunhas de Jeová como uma “seita milenarista norte-americana”. Os problemas envolvendo essa definição começam pelo fato de que a rotulagem de um grupo que compartilha hábitos propriamente religiosos como uma seita carrega em si um pré-julgamento e uma tendência de inferiorização e hierarquização do fenômeno religioso; a expressão deslegitima o grupo como uma forma válida de expressão de religiosidade e possui um caráter pejorativo.

A hierarquização do fenômeno religioso é uma prática comum em narrativas que emergem da tentativa de objetificação da religião ao buscar estruturas comuns nas diversas formas de expressão da religiosidade. Classificar uma religião cristã, originada de grupos protestantes, como “seita” reflete uma influência positivista e cientificista que se consolidou no século XIX, período em que “a civilização europeia manifestava sua mais completa convicção de superioridade” (Agnolin, 2019, p. 34). Essa rotulagem revela



uma tendência do historiador, sociólogo ou cientista da religião de estabelecer uma justa medida para o estudo das religiões: o cristianismo europeu e católico. Tal abordagem gera uma “ilusão etnocêntrica de um ‘universal concreto’” (Gasbarro, 2006, p. 66-67), que é uma clara consequência do positivismo e cientificismo no “pensamento moderno sobre a alteridade e na estrutura da antropologia científica” (Gasbarro, 2006, p. 77), reduzindo o estudo das religiões a um comparativismo do fenômeno religioso pela sua origem e estrutura organizacional, mas sem considerar as Histórias e culturas que circulam sua prática.

Suely Ribeiro Barra (2008, p. 6), ao escrever sobre as Testemunhas de Jeová, procurou “pesquisar o processo de transformação da identidade a partir da conversão ao Movimento Religioso das Testemunhas de Jeová”, adotando uma perspectiva que tende a homogeneizar os fiéis, como se estivessem completamente submetidos à ortodoxia imposta pela cúpula da religião. No entanto, “o que devemos é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam, em contextos históricos específicos” (Bellotti, 2004, p. 65). Em seu texto, Barra raramente se refere às Testemunhas de Jeová como uma religião, preferindo o termo movimento religioso. Essa escolha, intencional ou não, reflete uma postura semelhante à de Castro: ao não definir claramente o grupo como uma religião, ela o inferioriza e deslegitima, como se não preenchesse critérios pré-estabelecidos de uma religião, conforme um molde positivista e essencialista.

Em sua pesquisa, Suzana Ramos Coutinho Bornholdt (2004, p. 6) tenta “identificar o papel sistematizador da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, que através de um treinamento conduz as atividades de seus membros a uma disciplinarização de suas ações”. É evidente que, dentro da organização religiosa das Testemunhas de Jeová, existe um esforço claro para promover a uniformidade de comportamento entre seus membros, o que pode ser interpretado, à luz do pensamento de Clifford Geertz (2019, p. 67), como uma tentativa de alinhar as ações humanas a uma “ordem cósmica imaginada”. De fato, essa busca pela padronização não é exclusiva das Testemunhas de Jeová, sendo característica de muitas religiões que tentam moldar as práticas de seus seguidores a um conjunto de normas e crenças que dão coesão à comunidade religiosa. De fato, uma religião “pode tanto reforçar hierarquias e perpetuar sistemas opressivos quanto sustentar processos de resistência,



reconciliação e emancipação” (Fratucci Santos et al., 2025, p. 28). Essa ambivalência indica que a padronização comportamental não deve ser compreendida apenas como mecanismo de controle ou de perpetuação de hierarquias, mas também como um campo de possibilidades onde os próprios fiéis reinterpretam normas e negociam sentidos.

Entretanto, o que incomoda na análise de Bornholdt é a visão reducionista com a qual trata os fiéis, ignorando o papel ativo que esses indivíduos podem desempenhar na construção de suas próprias interpretações da fé. A pesquisa assume que os adeptos da religião são meramente receptores passivos das ordens da cúpula religiosa, incapazes de exercer qualquer grau de agência ou de desenvolver uma leitura própria da ortodoxia que lhes é transmitida. Isso desconsidera o fato de que, mesmo em sistemas religiosos altamente normatizados, os indivíduos exercem uma certa autonomia ao reinterpretar, adaptar e até negociar os ensinamentos com base em suas realidades pessoais e contextos sociais, afinal “as expressões da espiritualidade e da fé não são construídas apenas mediante relações de poder entre clérigos e leigos” (Benatte, 2014, p. 68). Portanto, ao negligenciar essa dimensão, Bornholdt priva os fiéis de uma complexidade inerente às suas experiências religiosas, simplificando excessivamente a relação entre liderança e fiel e ignorando as nuances da religiosidade vivida, que inclui interpretações pessoais, resistências veladas e uma variedade de práticas informais que coexistem com a ortodoxia, e às vezes, até a transforma.

Os exemplos citados demonstram que o estudo das Testemunhas de Jeová na área das humanidades é, hoje, incapaz de romper com os estereótipos que reduzem a complexidade e as contradições presentes nessa religião. A abordagem prevalente reforça visões superficiais, tratando o fenômeno religioso de forma homogênea, sem levar em consideração as variações e interpretações individuais dos fiéis.

Além disso, o estudo da questão do sangue por pesquisadores das áreas de ciências da saúde e biológicas reflete uma outra camada de interpretação simplificada, embora necessária. A visibilidade que esse tema adquire, devido à sua grande estranheza em relação às práticas médicas convencionais, acaba contribuindo para uma visão ainda mais reducionista da religião. Ao focalizar aspectos isolados e inusitados como a recusa de transfusões de sangue, os estudos ignoram as dinâmicas culturais complexas que sustentam tais práticas, e deixam de explorar as complexas racionalidades que os próprios



membros da religião desenvolvem para justificar suas decisões. Essa ênfase no exótico reforça a tendência de exotificação e estigmatização da religião.

Para Certeau (2012, p. 241), "a prática e a teoria da cultura ascendem à honradez quando renunciamos à pretensão de superar por generalidades o fosso que separa os lugares onde se enuncia uma vivência", ou seja, a verdadeira compreensão de uma cultura, ou de um fenômeno religioso, só é possível quando se reconhece a singularidade e a particularidade das experiências vividas. Tentativas de generalizar ou de impor uma visão externa e homogênea, sem levar em consideração as especificidades locais e contextuais, acabam por reduzir e distorcer o entendimento dessas vivências. No caso das Testemunhas de Jeová, o fosso entre a teoria acadêmica e a prática religiosa cotidiana se amplia quando os estudos falham em observar como as crenças e práticas são adaptadas e reinterpretadas pelos próprios membros em seus contextos históricos e culturais.

Superar esse fosso implica reconhecer que o estudo da religião deve estar sempre atento às práticas particulares, às vivências e às narrativas locais, sem tentar encaixá-las em categorias generalistas. Para isso, é importante compreender as crenças mais comuns, sobre as quais os fiéis agirão, criando suas próprias maneiras de religiosidade. Além disso, é necessário renunciar a qualquer pretensão apologética no exercício da pesquisa².

A doutrina é transmitida aos fiéis por meio de publicações, como livros e periódicos regulares. A religião não é trinitária, portanto, rejeita a ideia da Santíssima Trindade, entendendo que Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo são seres distintos. Além disso, o Espírito Santo não é considerado uma pessoa, mas a força ativa de Deus, utilizada para realizar sua vontade. A religião também não advoga a existência de um inferno, purgatório ou qualquer local de tormento eterno, acreditando que a morte é um estado de inexistência, onde a pessoa permanece em total inconsciência até a ressurreição prometida por Deus (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1928, p. 21).

A ressurreição, segundo as Testemunhas de Jeová, acontecerá durante o reinado milenar de Cristo, um período de mil anos em que Jesus governará a Terra restaurada a um estado paradisíaco. Para os fiéis, nessa época, pessoas que morreram, tanto justos quanto injustos, serão ressuscitadas para viver para sempre. Os justos são considerados

² Os exemplos aqui citados oferecem apenas uma breve amostra da doutrina, já que este não é o objetivo central deste trabalho. Para uma compreensão mais ampla, foram consultadas diversas obras e publicações, listadas nas referências bibliográficas, cuja leitura poderá esclarecer e aprofundar o entendimento de qualquer leitor interessado nas questões doutrinárias e na organização dessa religião.



aqueles que já viveram de acordo com os princípios de Deus, enquanto os injustos são considerados os que não tiveram a oportunidade de conhecer ou seguir a vontade divina plenamente (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1928, p. 36).

Segundo a doutrina, durante esse milênio, os ressuscitados terão a oportunidade de aprender sobre os ensinamentos de Deus e de Jesus e viver de acordo com as leis divinas. Aqueles que se mostrarem fiéis e obedientes poderão obter a vida eterna em um paraíso terrestre e os que se recusarem a seguir a orientação divina serão destruídos definitivamente, mas sem passar por tormento ou sofrimento eterno, pois as Testemunhas de Jeová não acreditam em um inferno de fogo. Para eles, a punição final é a aniquilação, ou seja, o fim completo da existência (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1928, p. 56).

Os membros da religião costumam rejeitar festas tradicionais como o Natal, a Páscoa e até mesmo aniversários. Para os fiéis, o Natal e a Páscoa têm raízes em celebrações pagãs que, com o tempo, foram associadas ao cristianismo, mas sem um fundamento bíblico claro. Elas argumentam que essas festividades não refletem uma verdadeira adoração cristã, pois não há evidência na Bíblia de que Jesus tenha comemorado ou ordenado essas celebrações. Por essa razão, elas optam por evitar a participação em tais festividades. Além disso, os aniversários são rejeitados com base em relatos bíblicos onde as únicas menções a celebrações de aniversário estão associadas a atos negativos ou considerados imorais, como o de Herodes, que resultou na decapitação de João Batista (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1928, p. 39 - 45). Essas festividades podem parecer comuns em outras religiões, mas “um dos mais fortes traços do grupo composto pelas Testemunhas de Jeová é sua unidade identitária, constituída e muitas vezes reforçada pela negação da legitimidade de outros grupos religiosos considerados heréticos” (Silveira, 2016, p. 116), elemento que se articula diretamente com a rejeição dessas festividades, pois a diferenciação em relação ao mundo e a outras tradições cristãs funciona como um eixo central de coesão e autoafirmação do grupo.

Outro ponto central na doutrina das Testemunhas de Jeová é sua posição de isenção política. Elas se recusam a votar, a participar de atividades partidárias ou a se alistar nas forças armadas, com base em uma interpretação literal de João 17:16, onde Jesus teria afirmado que seus seguidores "não fazem parte do mundo". Acreditam que a



única solução para os problemas humanos virá por meio do Reino de Deus e não através de governos humanos³. Para elas, manter-se politicamente isento é uma forma de demonstrar lealdade exclusiva a Deus e ao seu reino, que governará a Terra após a destruição dos governos humanos no Armagedom, uma suposta guerra entre Deus e esses governos (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1928, p. 59-63).

A recusa em aceitar transfusões de sangue, mesmo em situações de risco de vida, é baseada em passagens bíblicas como Gênesis 9:4 e Atos 15:29, que proíbem o consumo de sangue. Para elas, aceitar uma transfusão seria equivalente a violar uma lei divina. No entanto, vale ressaltar que a recusa não é uma negação à medicina em geral; as Testemunhas procuram alternativas médicas que não envolvam sangue, como a utilização de técnicas cirúrgicas que minimizam a perda sanguínea.

A escolha de resistir a essa prática médica essencial em muitas circunstâncias decorre de uma motivação profunda, ancorada nas convicções religiosas e na leitura literal de passagens bíblicas que condenam o uso do sangue em qualquer forma. Como Geertz (2019, p. 71) afirma, certos motivos podem se manifestar de maneira "aparatosa", e, nesse contexto, a recusa às transfusões é uma expressão visível e radical do compromisso que os fiéis mantêm com a sua fé.

A disposição para enfrentar situações adversas em defesa dessa crença exige uma coragem semelhante à descrita por Geertz (2019, p. 71), ao refletir sobre motivações religiosas: "a coragem aparatosa consiste tanto nas propensões duradouras de resistir a um jejum na selva como a fazer incursões solitárias a um campo inimigo ou entusiasmar-se com o pensamento de contar os golpes". Os fiéis demonstram uma resistência notável ao evitar práticas que consideram contrárias à sua fé, mesmo que essas escolhas os coloquem em circunstâncias de risco de vida. Esse compromisso, visto com frequência como sofrimento auto imposto, reflete uma renúncia externa e um desejo em preservar uma integridade espiritual ancorado numa certeza de estar obedecendo a uma ordem divina.

Assim como a coragem pode motivar alguém a "fazer incursões solitárias a um campo inimigo" (Geertz, 2019, p. 71), a decisão de se recusar a algo tão comum e aceito

³ No Brasil, o voto é obrigatório para cidadãos entre 18 e 70 anos, e as Testemunhas de Jeová são orientadas pelos líderes religiosos a votar nulo, em conformidade com sua postura de neutralidade política. Quanto ao alistamento militar, também obrigatório, elas têm direito ao Certificado de Dispensa do Serviço Alternativo (CDSA), que as isenta tanto do serviço militar quanto do serviço alternativo, devido à objeção de consciência por motivos religiosos.



como uma transfusão é, para os fiéis, um ato de bravura e devoção. Elas se colocam contra o que consideram uma violação espiritual, mostrando-se dispostas a assumir as consequências, mesmo quando esse caminho é solitário, desafiador ao extremo e pode significar uma possível abreviação da própria existência. A recusa é vista não como sofrimento pelos fiéis, mas como um entusiasmo em se alinhar com os preceitos de sua fé, evidenciando um comprometimento absoluto, onde a prática não é um mero sacrifício, mas uma convicção profunda e consciente.

Por fim, uma das marcas mais visíveis da prática religiosa das Testemunhas de Jeová é a evangelização de casa em casa. Elas acreditam que são responsáveis por divulgar as "boas novas do Reino de Deus" a todas as pessoas, conforme a ordem de Jesus em Mateus 28:19-20. Esse trabalho de pregação é visto como essencial para sua fé, e todos os membros são incentivados a participar ativamente dele, não apenas líderes ou clérigos. A evangelização não se limita a visitas domiciliares; inclui também conversas em espaços públicos e a distribuição de publicações religiosas, como a revista "*A Sentinela*" (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1993, p. 20 - 31).

Pode-se concluir que a vida de uma Testemunha de Jeová é, em grande parte, orientada pela negação da própria vontade para satisfazer os desejos de um Deus que estabelece elevados padrões de moral e conduta, o que pode trazer algum grau de sofrimento aos fiéis. Refletindo sobre como esse comportamento se justifica, Geertz (2019, p. 76) observa que o problema religioso do sofrimento não é como evitá-lo, mas sim como suportá-lo da melhor maneira. Assim, para uma Testemunha de Jeová, a experiência do sofrimento pode, inclusive, ser interpretada como um sinal, ou mesmo um "símbolo" de que está trilhando um caminho moralmente e espiritualmente correto.

Essas caracterizações podem esclarecer a doutrina e o sentimento predominante entre os fiéis, mas, ainda assim, "não se pode falar de apenas uma espécie de motivação chamada religiosidade, da mesma forma que não existe apenas uma espécie de inclinação que se possa chamar devoção" (Geertz, 2019, p. 72). Assim, no Brasil e em outros territórios onde a religião se estabelece, ocorre uma fusão entre a doutrina, as práticas culturais dos indivíduos que professam essa fé e as características culturais locais, regionais e nacionais.

Dessa forma, ao superar leituras que reduzem a religião a um dogma rígido ou a uma sujeição total à hierarquia, compreende-se que as Testemunhas de Jeová constroem



sua legitimidade em permanente diálogo com o contexto, reelaborando práticas e discursos a partir das tensões vividas. É justamente essa dinâmica, e não uma doutrina impermeável, que se evidencia quando observamos sua inserção concreta e as transformações históricas resultantes das interações com o Estado e com a Igreja. É nesse ponto que a análise teórica encontra o exame histórico que se seguirá.

A partir da abordagem advogada por Fratucci Santos et al. (2025, p. 30-33), sobre dominação e resistência intercultural em perspectiva decolonial, assim como do estudo crítico de poder interno desenvolvido por Silveira (2016, p. 119-125), propõe-se entender a trajetória das Testemunhas de Jeová como um fenômeno de expansão institucional e como um processo dinâmico de produção e reprodução de legitimidade simbólica. A religião, nessa ótica, funciona simultaneamente como mecanismo de imposição de autoridade, mediante controle doutrinário, estrutura hierárquica e regulação comportamental, e como espaço de resistência cultural e reorganização identitária, capaz de remodelar o capital simbólico de seus adeptos em contexto de tensão social e conflito religioso.

Nesse sentido, a análise histórica ganha profundidade: as perseguições, os processos de marginalização social e as adaptações organizacionais das Testemunhas de Jeová no Brasil não devem ser vistos apenas como reações conjunturais, mas como elementos estruturantes de sua legitimidade. A centralização do poder no Corpo Governante, o monopólio da interpretação doutrinária e a tentativa de homogeneização normativa não são falhas de coerência, mas parte de uma estratégia deliberada de manutenção de coesão interna e distinção externa, o que, paradoxalmente, reforça a identidade coletiva e a força simbólica da comunidade em um contexto de hostilidade.

Essa ambivalência entre dominação interna e resistência simbólica externa permite compreender melhor como, ao longo do tempo, a religião se tornou um capital simbólico conversível em autoridade social, conferindo às Testemunhas de Jeová uma posição de legitimação que transcende o simples crescimento numérico. A combinação entre teoria de dominação simbólica, estruturas de poder interno e trajetória histórica revela que a legitimidade da organização se constrói tanto no controle interno quanto na capacidade de resistir, adaptar-se e negociar sua identidade diante de adversidades externas.



2. A inserção das Testemunhas de Jeová no campo religioso do Brasil

A atividade das Testemunhas de Jeová no Brasil começou nas primeiras décadas do século XX, por volta de 1920, quando as publicações da *Watch Tower Bible and Tract Society*, vindas dos Estados Unidos, começaram a circular de forma discreta. Pequenos grupos se reuniam em casas particulares para ler *A Sentinela* formando os primeiros núcleos da religião no país. A expansão foi lenta, marcada por dificuldades de tradução, falta de estrutura e resistência da Igreja Católica, que dominava o campo religioso brasileiro.

Até o final da década de 1930, o número de adeptos permanecia reduzido, e a presença do grupo era quase invisível no cenário nacional. Em 1939, porém, o contexto político mudou: com o fortalecimento dos regimes fascistas e o endurecimento do Estado varguista, as Testemunhas de Jeová passaram a ser alvo de vigilância. Sua recusa em participar de rituais patrióticos e militares foi interpretada como ato político, e diversos membros foram presos por protestarem contra o fascismo e por sustentarem uma neutralidade que o regime considerava subversiva.

Décadas mais tarde, durante a ditadura militar instaurada em 1964, o jornalista Wilson Kleber Moreira elaborou um dossiê intitulado “*Testemunhas de Jeová e a Segurança Nacional: Religião ou Subversão?*” contra a religião, a denunciando por subversão, masoquismo e rebeldia e o enviou a órgãos de inteligência do governo. A publicação, originalmente editada pela Editora Evolução Ltda., de Niterói (RJ), em 1974, foi oficialmente encaminhada, em caráter confidencial, pelo Ministério da Aeronáutica em 22 de março de 1976, dois anos após sua impressão, aos principais órgãos de informação e repressão do Estado brasileiro.

O ofício registrava o envio do texto “na íntegra” ao Comando-Geral de Operações Aéreas (COMGAR), responsável pelas atividades estratégicas da Força Aérea Brasileira; ao Comando Aéreo Regional (COMAR), encarregado do controle administrativo e operacional das regiões aéreas; à Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça (DSI/MJ), que articulava o sistema de inteligência civil; ao Assessoria de Segurança e Informações do Ministério da Aeronáutica (AC); ao Serviço Nacional de Informações (SNI), núcleo central da estrutura de vigilância e contrainteligência do regime; ao Centro de Informações do Exército (CIE), principal braço de coleta e repressão militar em território nacional; ao Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica



(CISA), responsável pela espionagem interna e pelo monitoramento de civis e militares ligados ao setor aéreo; e ao Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), que operava de forma articulada com o SNI no controle de comunicações, transportes e investigações políticas ligadas à segurança nacional (Arquivo Nacional do Brasil, enc. 0084/CISA-RJ, 1976).

Ainda assim, essa vigilância constante não impediu o crescimento da religião, conforme apresentado adiante. Os dados a seguir foram reunidos a partir de múltiplas fontes, desde pesquisas externas sobre o crescimento das Testemunhas de Jeová até as próprias publicações oficiais da organização, que oferecem relatórios sobre sua atuação, expansão e performance religiosa. Esses materiais, produzidos e divulgados anualmente pela sede mundial, permitem observar, com base documental, a evolução da estrutura organizacional e do alcance da pregação no Brasil. No entanto, é preciso considerar que tais números são, ao mesmo tempo, expressão e instrumento de um sistema religioso.

O primeiro dado que se impõe à análise é o da evolução do número de publicadores. No léxico das Testemunhas de Jeová, o termo publicador designa o membro batizado ou não batizado que participa regularmente da obra de evangelização, isto é, aquele que evangeliza de casa em casa, em locais públicos ou por outros meios. Cada publicador é, portanto, uma unidade básica da estrutura missionária da religião, e o total de publicadores de um país expressa, com precisão relativa, o contingente ativo na pregação formal. É importante frisar, contudo, que o número de pessoas efetivamente envolvidas com as Testemunhas de Jeová é maior do que o de publicadores. Muitos simpatizantes frequentam as reuniões, participam de cursos bíblicos e se integram parcialmente à comunidade, sem ainda desempenhar funções regulares de evangelização. O universo social que orbita em torno das congregações é, portanto, mais amplo que o representado pelos relatórios oficiais.

Por exemplo, segundo o *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço de 2024*, o Brasil registrou uma média de 913.789 publicadores. Esse número é resultado de um cálculo específico: como cada publicador entrega mensalmente um relatório individual de atividades, especificando, por exemplo, o número de horas dedicadas à pregação, estudos bíblicos realizados e publicações distribuídas, esses relatórios são coletados por um ancião designado na congregação local, consolidados e enviados à sede nacional, o Betel do Brasil, que os encaminha à sede mundial, nos Estados

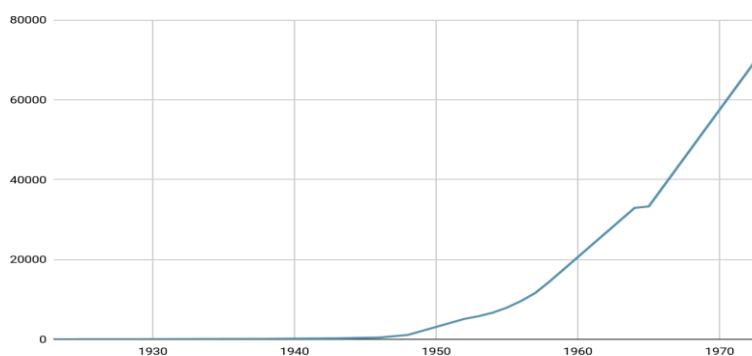


Unidos. A média anual é, assim, obtida pela soma do número de publicadores relatados em cada mês do ano de serviço (que vai de setembro a agosto do ano seguinte) dividida por doze. Trata-se, portanto, de uma média aritmética das variações mensais, que procura refletir a atividade contínua de toda a comunidade de evangelizadores.

Além do número de publicadores, outro dado significativo é o da assistência à Celebração da Morte de Cristo, considerada a reunião mais importante do calendário das Testemunhas de Jeová. Nessa ocasião, que ocorre uma vez por ano, não apenas os membros ativos, mas também seus familiares, simpatizantes e pessoas em processo de aproximação com a religião costumam estar presentes. No mesmo relatório de 2024, registrou-se, no Brasil, uma assistência de 1.810.952 pessoas. Essa diferença expressiva entre publicadores e assistentes revela a amplitude social da influência da religião: se tomarmos essa proporção como referência, é possível inferir que o número de pessoas que frequentam regularmente as reuniões, sejam Salões do Reino, sejam assembleias regionais, é, pelo menos, o dobro do número de publicadores.

Essa articulação entre engajamento ativo e participação comunitária permite compreender, com maior amplitude, o alcance social e simbólico das Testemunhas de Jeová no Brasil no período aqui examinado. No presente empreendimento analítico, serão considerados os dados disponíveis desde a instalação formal da organização no país até o ano de 1973, a fim de verificar em que medida o crescimento numérico do grupo pode ter fundamentado, ou ao menos legitimado, as apreensões expressas por Moreira acerca da expansão das Testemunhas de Jeová em território brasileiro.

Gráfico 01 – Evolução do número de publicadores das Testemunhas de Jeová no Brasil (1923-1973)⁴



⁴ Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados no *Anuário das Testemunhas de Jeová* (1974) e no artigo “As Testemunhas de Jeová. Esboço Histórico”, de Wolfgang Gruen, publicado na *Revista Eclesiástica Brasileira*, em 1961.



Tabela 01 – Evolução do número de publicadores das Testemunhas de Jeová no Brasil (1923-1973)

Ano	Número de Publicadores
1923	8
1928	18
1938	103
1943	252
1946	442
1948	1077
1952	5103
1953	5774
1954	6662
1955	7931
1956	9596
1957	11602
1958	14458
1959	17517
1964	32895
1965	33267
1973	72058

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados no *Anuário das Testemunhas de Jeová* (1974) e no artigo “As Testemunhas de Jeová. Esboço Histórico”, de Wolfgang Gruen, publicado na *Revista Eclesiástica Brasileira*, em 1961.

O número de publicadores das Testemunhas de Jeová no Brasil experimentou um crescimento exponencial ao longo das décadas. Mas é de interesse principal as décadas de 1950 e 1960. Na primeira, praticamente triplicou; na segunda, voltou a triplicar, configurando um movimento de expansão exponencial. O que de fato provocava inquietação, tanto entre observadores eclesiais quanto entre agentes do Estado, não era o número absoluto de adeptos, mas a velocidade e a consistência desse crescimento, sua capacidade de se reproduzir e se organizar mesmo em condições adversas.

É particularmente significativo notar que esse aumento se deu em meio a um contexto de restrições legais e políticas. Em 1940, durante o Estado Novo, a entidade jurídica das Testemunhas de Jeová foi colocada sob prescrição pelo governo Vargas,



permanecendo em situação de ilegalidade até 1957, quando o presidente Juscelino Kubitschek, a quem as próprias Testemunhas se referiram como um governante de “mentalidade liberal” (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1974, p. 79), restabeleceu sua condição legal. Tal reabilitação foi registrada no Diário Oficial de segunda-feira, 8 de abril de 1957, pondo fim a um longo e custoso processo de interdição institucional.

Apesar do caráter restritivo desse período, não há indícios de prisões motivadas exclusivamente pela filiação religiosa durante o governo Vargas. O mesmo, porém, não se pode afirmar sobre os anos subsequentes à instauração da Ditadura Militar, quando a repressão assumiu um discurso ancorado na noção de segurança nacional. Ainda assim, e é precisamente aqui que reside a dimensão paradoxal do fenômeno, os anos marcados por perseguições explícitas e implícitas correspondem também às décadas de maior crescimento proporcional do movimento no período analisado.

Moreira, em seu texto denunciativo, entende como uma espécie de prazer ou satisfação que as Testemunhas de Jeová teriam em serem perseguidas. Ele sugere que, para os membros dessa religião, há uma complacência quase voluntária com a rejeição e com o sofrimento, como se a hostilidade fosse parte integrante da identidade do grupo. A percepção de Moreira é marcada por espanto, e ele chega a insinuar que há algo de masoquista nesse comportamento. No entanto, essa leitura, de matriz psicológica e moralizante, perde de vista o que, no plano da antropologia interpretativa, pode ser entendido como um sistema simbólico coerente de produção de sentido.

Esse aspecto pode ser melhor compreendido à luz de Geertz, que sustenta que o pesquisador não deve buscar explicações causais, mas compreender os sistemas simbólicos em sua própria lógica interna. Para o autor, compreender um sistema simbólico não é descobrir o que ela causa nas pessoas, mas o que ela significa para elas, isto é, como ela tece e mantém a teia de significações na qual os homens estão suspensos. A religião, portanto, não é um reflexo de algo exterior (econômico, psicológico, político), mas uma forma de organização simbólica do mundo, dotada de coerência interna e de uma racionalidade própria, nessa esteira, Geertz (2019, p. 67) a define como “um sistema de símbolos que atua para estabelecer [...] disposições e motivações nos homens [...]”. Assim, julgar o comportamento religioso a partir de parâmetros externos, como faz



Moreira, implica ignorar o modo como o sofrimento é incorporado ao ethos e à visão de mundo de uma comunidade crente.

Para as Testemunhas de Jeová, o sofrimento não é um desvio, mas um sinal; não é o sintoma de uma anomalia, mas o índice de fidelidade. O próprio Moreira cita um depoimento retirado de uma publicação das Testemunhas de Jeová da época, embora sem referir a fonte, que ilustra bem essa lógica:

Enquanto eu estava deitado no chão durante o espancamento, eu orava a Jeová para me ajudar a suportar essa tortura. Fiquei muito feliz, porque Jeová, o Deus Todo-Poderoso, me ajudou. Não importava quantos insultos e espancamentos sofríamos, isso passava em alguns segundos e não sentíamos mais nada, embora os espancamentos continuassem (Arquivo Nacional do Brasil, enc. 0084/CISA-RJ, p. 1976).

A narrativa é realmente perturbadora. Moreira a interpreta como expressão de masoquismo e alienação; contudo, à luz da perspectiva interpretativa proposta por Geertz, trata-se de um ato de significação religiosa. Geertz (2019, p. 67) nos lembra que, quando afirmamos que alguém é religioso, o que realmente queremos dizer é que essa pessoa, “quando estimulada de maneira adequada, revela uma suscetibilidade a certas disposições, disposições que às vezes englobamos sob rubricas tais como ‘reverente’, ‘solene’ ou ‘devoto’”. O autor observa, porém, que essas rubricas gerais - “reverente”, “solene”, “devoto” - tendem a condensar e simplificar um espectro muito mais amplo e empiricamente diverso de experiências religiosas, reduzindo-as aos “tons muito graves” da vida. Em outras palavras, ao aplicar categorias fixas ao fenômeno religioso, corremos o risco de perder de vista as nuances e as intensidades próprias de cada sistema simbólico. Assim, o que Moreira lê como masoquismo não é senão a manifestação, dentro de um sistema simbólico específico, de uma dessas disposições religiosas.

É preciso situar o testemunho num contexto histórico mais amplo. Durante o período em que Moreira escreve, década de 1970, as Testemunhas de Jeová eram alvo de repressão em diversos regimes autoritários: foram encarceradas em campos de concentração sob o nazismo, perseguidas pela polícia política do salazarismo em Portugal e submetidas a prisões e trabalhos forçados na União Soviética. Nesses contextos, a fidelidade à fé era testada pela recusa em renunciar à crença ou em realizar atos que contrariassem sua consciência religiosa. O sofrimento, portanto, não era um fim em si mesmo, mas um meio de confirmação identitária.



Tal concepção ressoa com o cristianismo dos primeiros séculos, no qual o martírio funcionava como um eixo estruturante da fé (Eusébio de Cesareia, 2018, p. 106-113). Os primeiros cristãos, perseguidos pelo Império Romano, viam na morte e no sofrimento uma vitória espiritual: ser martirizado equivalia a participar simbolicamente da paixão de Cristo e a antecipar a glória da ressurreição. Esse mesmo mecanismo simbólico se atualiza, com outras linguagens, entre as Testemunhas de Jeová. A perseguição reforça a coesão do grupo, porque confirma o mito fundador de que o mundo está contra os escolhidos de Deus. Assim, cada agressão, prisão ou proibição não mina a crença, a reforça.

A leitura de Moreira, centrada na psicologia do indivíduo, deixa escapar essa estrutura de significação. Quando ele fala em prazer ou gosto pela rejeição, confunde uma operação simbólica com uma disposição patológica. Em vez de masoquismo, há aqui uma lógica de compensação escatológica: as Testemunhas de Jeová crêem que a justiça divina não se manifesta no presente, mas será plenamente realizada no futuro, quando os fiéis serão recompensados no paraíso restaurado da Terra. Sofrer agora é, portanto, um modo de acumular méritos espirituais para o tempo do fim.

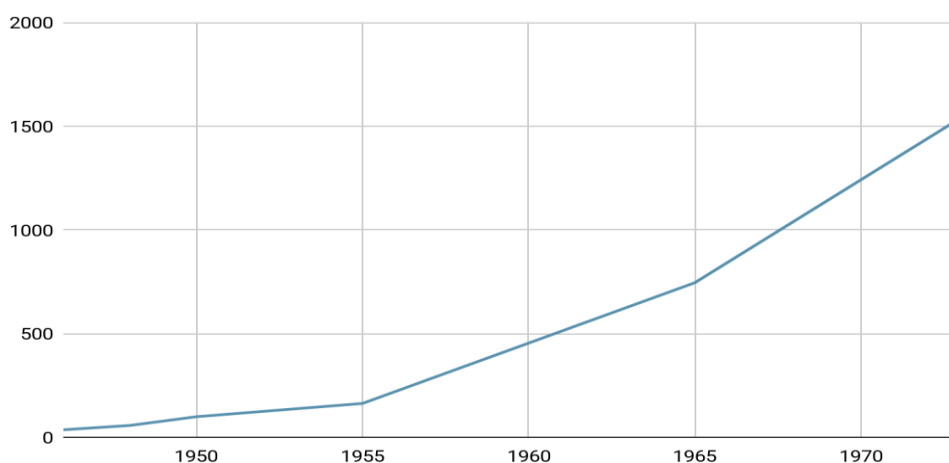
Geertz (2019, p. 65-67) nos oferece a chave para compreender essa racionalidade: o significado de um sistema religioso não está nas suas aparências externas, mas na relação simbólica entre *ethos* e cosmovisão. O *ethos* das Testemunhas de Jeová: sua disciplina, sua rejeição ao mundo, sua disposição para suportar provações, é sustentado por uma visão de mundo em que o mal e o sofrimento têm sentido, porque são o preço da fidelidade e a prefiguração da recompensa vindoura.

Essa lógica interna, que confere sentido e legitima a perseguição sofrida, ajuda a explicar o crescimento das Testemunhas de Jeová em períodos de adversidade; todavia, é fundamental sublinhar também a dimensão concreta e estratégica de sua atuação evangelizadora, sobretudo por meio da prática aguerrida de visita porta a porta. Certeau (1998, p. 202) nos lembra que a ação dos sujeitos, que agem em simultaneidade, pode reconfigurar o espaço, e é exatamente isso que se observa nesse contexto: a multiplicação de práticas discretas e reiteradas, os testemunhos individuais, as conversas pedagógicas, as leituras compartilhadas e o ensino bíblico doméstico. Tudo isso construiu uma nova topografia simbólica. Essas ações, embora desprovidas do aparato institucional

e do prestígio histórico do catolicismo, geram um espaço de sentido alternativo que desafia e reconfigura a ordem simbólica dominante.

O aumento no número de publicadores reflete diretamente na expansão das congregações das Testemunhas de Jeová no Brasil. Uma congregação, no contexto dessa religião, constitui a unidade básica de organização comunitária, composta por um grupo local de fiéis que se reúnem regularmente para reuniões de estudo bíblico, culto e planejamento das atividades de evangelização.

Gráfico 02 – Evolução do número de congregações das Testemunhas de Jeová no Brasil (1946-1973)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados no *Anuário das Testemunhas de Jeová* (1974)

Tabela 02 – Evolução do número de congregações das Testemunhas de Jeová no Brasil (1923-1973)

Ano	Número de congregações
1946	36
1948	57
1950	99
1955	163
1965	745
1973	1539

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados no *Anuário das Testemunhas de Jeová* (1974)



Tratar do aumento do número de congregações no Brasil é tratar do espaço onde se institucionaliza um jeito local de ser Testemunha de Jeová: uma modalidade brasileira de sociabilidade e prática religiosa que emerge na interseção entre diretrizes transnacionais emanadas da sede da Sociedade Torre de Vigia e as exigências cotidianas das comunidades nacionais. A congregação funciona como o principal nó organizacional e performativo: é nela que se ensaia a prática do testemunho, se formam os publicadores e se modulam as traduções culturais das orientações internacionais.

Essas congregações, no Brasil, foram mobilizadas como centros de alfabetização, pois ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos ou na Europa, parte significativa do público que as Testemunhas de Jeová atingiam e que estavam se tornando adeptos no Brasil eram analfabetos. Segundo o próprio *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1974, “como medida para equipar as Testemunhas para serviço mais eficaz no Brasil, o presidente da Sociedade, irmão Knorr, fez arranjos para serem organizadas nas várias congregações através do Brasil aulas de leitura e escrita” (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1974, p. 73). A doutrina era essencialmente escrita e não se baseava numa tradição oral fluida, mas numa produção editorial hierarquizada, que circulava da sede mundial para todas as congregações. O fato de que no Brasil foi necessário primeiro alfabetizar os fiéis demonstra uma adaptação concreta das atividades das Testemunhas de Jeová ao contexto nacional. Uma adaptação de uma religião que apreciava-se rígida e uniformemente disseminada.

Nesse ponto, o pensamento de Gasbarro (2006, p. 74-79) pode ser elucidativo: as práticas religiosas não podem ser vistas como simples transportes translacionais de modelos, mas como reconfigurações locais de saber e sentimento, nas quais a ortodoxia se faz por meio da ortoprática. Assim, a necessidade de alfabetização nas congregações brasileiras revela-se como uma tática de tradução simbólica: não mera adaptação logística, mas uma incorporação das práticas de leitura e escrita como ritual de pertencimento. A escola de leitura torna-se, então, componente constitutivo do ser Testemunha de Jeová no Brasil.

É interessante notar que o Betel do Brasil obtinha estoques de compêndios de alfabetização diretamente junto ao Ministério da Educação, distribuindo-os às congregações locais. Posteriormente, em 1970, a própria Sociedade Torre de Vigia passou a produzir seu compêndio de leitura em língua portuguesa, intitulado *Aprenda a Ler e a*



Escrever!, uma versão adaptada de materiais já empregados em países africanos, o que sugere um esforço de padronização pedagógica transnacional ajustado às condições de letramento das populações locais (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1974, p. 73-74).

Em 1971, uma publicação oficial da organização informou que aproximadamente 100 mil exemplares do compêndio *Aprenda a Ler e a Escrever!* haviam sido distribuídos em todo o território brasileiro. De acordo com a mesma fonte, desde a implementação do programa de alfabetização em 1956, cerca de 5.900 pessoas haviam sido alfabetizadas no país por meio das aulas promovidas nas congregações (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1971, p. 22). Esses dados revelam a inserção do projeto educativo das Testemunhas de Jeová em contextos sociais marcados por baixos índices de escolarização, nos quais a alfabetização se tornava parte integrante da experiência religiosa e do processo de formação do fiel.

O lançamento e a distribuição do compêndio *Aprenda a Ler e a Escrever!* ocorreram ao longo de dezoito assembleias⁵ regionais promovidas em diferentes capitais e cidades brasileiras entre 1970 e 1971. Segundo as Testemunhas de Jeová, essas assembleias reuniram um público de 120.950 participantes (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1971, p. 20). Esses encontros, de ampla mobilização organizacional, receberam cobertura da imprensa nacional.

À medida que os números cresciam, tanto o de publicadores quanto o de congregações e de eventos nacionais, nenhum dado chamava mais atenção do que o volume de revistas produzidas e distribuídas pelas Testemunhas de Jeová. De fato, a expansão dessa produção demandou a instalação de um parque gráfico significativo no Brasil, capaz de atender à crescente demanda de circulação interna e externa das publicações da organização.

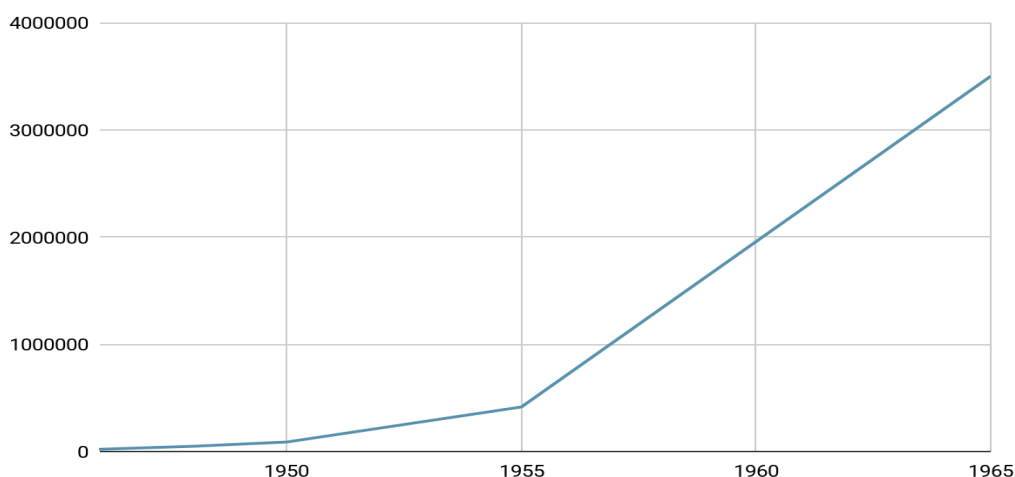
As duas principais revistas das Testemunhas de Jeová em circulação eram *A Sentinela* e *Despertai!*. Embora ambas tivessem função evangelizadora, elas possuíam finalidades distintas dentro da estrutura comunicacional da religião. *A Sentinela*, publicada ininterruptamente desde o final do século XIX, constitui o órgão doutrinário central do movimento. Seu conteúdo é voltado sobretudo aos membros batizados e

⁵ Grandes encontros religiosos periódicos, voltados à instrução doutrinária, ao fortalecimento da coesão comunitária e à difusão de orientações organizacionais emanadas da sede mundial.



frequentadores regulares das congregações, apresentando comentários teológicos, interpretações bíblicas e orientações morais que refletem as diretrizes oficiais da sede mundial da Torre de Vigia. Já a revista *Despertai!* tinha um caráter mais voltado ao público externo: abordava temas científicos, sociais e morais sob uma perspectiva religiosa, com linguagem acessível e formato atrativo, funcionando como instrumento de aproximação e proselitismo junto à população em geral.

Gráfico 03 – Revistas Avulsas Distribuídas pelas Testemunhas de Jeová no Brasil (1946-1965)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados no *Anuário das Testemunhas de Jeová* (1974)

Tabela 03 – Revistas Avulsas Distribuídas pelas Testemunhas de Jeová no Brasil (1946-1965)

Ano	Número de congregações
1946	20.513
1948	48.300
1950	88.122
1955	414.892
1965	3.961.950

Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados no *Anuário das Testemunhas de Jeová* (1974)



Além dos dados apresentados na tabela, observa-se que, segundo a mesma fonte, em 1973, até o mês de maio, momento em que a compilação foi realizada, as Testemunhas de Jeová já haviam distribuído mais de três milhões de revistas. Considerando que, naquele ano, o Brasil possuía aproximadamente 100 milhões de habitantes, essa cifra sugere uma proporção impressionante: se mantida a mesma taxa de distribuição, até o final de 1973 poderiam ter sido entregues cerca de 10 milhões de exemplares, o que corresponderia, em termos teóricos, a aproximadamente uma revista para cada dez brasileiros.

É necessário contextualizar esse número. Trata-se do montante acumulado no ano de revistas distribuídas, incluindo duas publicações principais, *A Sentinela* e *Despertai!*, cada uma delas com mais de uma edição mensal. Assim, uma única pessoa poderia receber múltiplos exemplares ao longo do ano, aumentando significativamente o total de revistas contabilizadas. Dessa forma, o número expressivo de exemplares distribuídos não deve ser interpretado como equivalente ao número de leitores ou de indivíduos alcançados. A cifra reflete sobretudo o esforço de circulação e a estratégia de cobertura ampla, não necessariamente a penetração direta de cada exemplar na população.

Em outras palavras, a distribuição massiva de revistas constitui um indicador da capacidade organizacional e do aparato logístico das Testemunhas de Jeová, mas não traduz, de forma linear, o engajamento efetivo ou a recepção individual de cada publicação. Ainda assim, tais números ressoavam de maneira particularmente impressionante junto ao clero católico que manifestava preocupação constante diante do crescimento das Testemunhas de Jeová no território brasileiro. A magnitude da circulação das revistas *A Sentinela* e *Despertai!* sugeria, implicitamente, uma capacidade de penetração que poderia rivalizar ou até mesmo superar a circulação de periódicos católicos de grande tradição, como *A Ordem*, do Centro Dom Vital, cuja tiragem, embora não tenha sido claramente documentada nos períodos comparativos, representava a referência estabelecida dentro do campo religioso nacional. Cândido Moreira Rodrigues (2017, p. 161) descreveu a revista *A Ordem* como um “importante periódico de circulação nacional e expressão do ideário e da prática de uma elite de intelectuais vinculados à Igreja católica”.

No dossiê elaborado por Moreira sobre as Testemunhas de Jeová, o autor evidencia que sua preocupação e insistência em relatar ao Estado os dados sobre o grupo



estão profundamente ancoradas no receio do crescimento exponencial dessa religião no Brasil. Moreira enfatiza que “os totais estatísticos dizem de um fortalecimento muito maior do que o de todas as outras religiões” (Arquivo Nacional do Brasil, enc 0084/CISA-RJ, 1976, p. 12), revelando que, para ele, não se trata apenas de uma expansão numérica, mas de um avanço que poderia configurar uma significativa transformação no panorama religioso nacional.

Além disso, no que tange à credibilidade desses números, Moreira atribui-lhes confiabilidade e autenticidade, reforçando que, apesar de sua postura crítica em relação à seita, reconhece a veracidade de certos dados estatísticos: “os números de novos adeptos consignados nas suas publicações são uma das raras coisas em que se revelam verdadeiras” (Arquivo Nacional do Brasil, enc 0084/CISA-RJ, 1976, p. 12). Dessa forma, o texto de Moreira revela um entrelaçamento entre observação empírica e interpretação normativa: ele admite a veracidade de certas métricas internas da religião, e utiliza essas mesmas informações como argumento para alertar as autoridades sobre o potencial de difusão da religião, sublinhando a dimensão estratégica de sua atuação enquanto articulador de conhecimento junto aos órgãos estatais.

Considerações finais

Toda essa operação pode ser elucidada a partir de uma análise da economia dos campos. É preciso entender que o poder não reside no símbolo em si, mas na estrutura do campo. Afinal,

o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma *illocutionary force* mas que se define como uma relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença (Bourdieu, 1989, p. 15-16).

Nesse sentido, o poder está na estrutura do campo, em como as posições relativas de atores, instituições e recursos simbólicos se organizam e se reproduzem; o poder depende da configuração dessa estrutura, da distribuição de capital simbólico e da forma como as práticas e regras do campo são internalizadas pelos seus participantes. Ele não está no símbolo em si, mas na relação dinâmica que o sustenta e que estabelece posições hierárquicas e mecanismos de reconhecimento dentro do campo.



Nesse contexto, “a teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de que se revestem em cada campo os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho)” (Bourdieu, 1989, p. 69). Portanto, para compreender a atuação das Testemunhas de Jeová no Brasil, é necessário analisar com precisão qual foi o capital, o investimento e o ganho que a religião acumulou e mobilizou em seu campo de atuação.

Começando pelo capital, percebe-se que sua principal riqueza simbólica consistia na capacidade de mobilização, produção e distribuição de revistas, bem como na estrutura organizacional que sustentava essas atividades. Esse capital materializado não se traduzia apenas em impressos, mas na capacidade de criar e manter uma rede de publicadores ativos, treinados e coordenados, capazes de executar o evangelismo porta a porta de forma sistemática e contínua. Era também a capacidade de organizar assembleias regionais, congressos e reuniões locais, que funcionavam simultaneamente como instrumentos de controle, socialização e reforço do capital simbólico. Essa organização vinha de uma estrutura hierárquica muito bem marcada, em que as diretrizes vinham da sede internacional da Torre de Vigia e eram implementadas de maneira consistente em todas as congregações, garantindo uniformidade doutrinária e eficiência operacional.

O capital das Testemunhas de Jeová, portanto, não se limitava a textos e símbolos, mas incluía a capacidade de coordenar pessoas, criar rotinas de engajamento e produzir materiais que circulavam amplamente, constituindo um instrumento estratégico de poder simbólico dentro do campo religioso brasileiro. O investimento das Testemunhas de Jeová pode ser compreendido como a aplicação tática de recursos simbólicos e organizacionais na construção e amplificação de sua visibilidade e legitimidade no campo religioso. Esse investimento não se restringia à mera produção material de livros, revistas ou compêndios, mas incluía uma intensa e sistemática divulgação de todos os feitos da religião, apresentando-os como grandiosos e de magnitude internacional.

Em particular, as Testemunhas de Jeová souberam explorar o crescimento exponencial de seus indicadores – número de publicadores, distribuição de revistas, congregações estabelecidas – de maneira que esses dados transmitissem uma sensação de expansão irresistível e contínua. Embora, em termos absolutos, a religião ainda ocupasse uma posição minoritária no cenário brasileiro, a divulgação sistemática do aumento



proporcional de seus integrantes e da circulação de suas publicações projetava uma imagem de poder e presença muito além de sua escala real.

Esse investimento comunicativo envolve, portanto, uma lógica de performance estratégica: a transformação de dados quantitativos em instrumento simbólico de autoridade. O grupo, assim, converteu a própria expansão proporcional em capital simbólico. O efeito cumulativo desse investimento é notável: ao enfatizar o crescimento proporcional mais do que os números absolutos, a organização criava a percepção de uma trajetória ascendente acelerada, reforçando o caráter inovador e eficiente de sua estrutura hierárquica e de seus métodos de mobilização, propaganda e ensino.

O ganho final das Testemunhas de Jeová, dentro da lógica da economia dos campos, consistiu em serem reconhecidas como inimigas tanto da Igreja Católica quanto do Estado, isto é, em finalmente se tornarem visíveis e relevantes para os agentes que dominavam os campos religioso e político. Ser eleita como inimiga implicava não apenas notoriedade, mas também o reconhecimento de que o grupo possuía força simbólica suficiente para ameaçar a ordem estabelecida. A Igreja manifestava essa hostilidade por meio de artigos publicados por padres e líderes clericais, enquanto o Estado materializava a oposição em perseguições formais, monitoramento e prisões durante a Ditadura Militar, evidenciando o caráter estratégico desse reconhecimento como um ganho simbólico e estrutural.

Essa visibilidade reconfigurou a estrutura do campo religioso: as Testemunhas de Jeová deixaram de ser figurantes e passaram a ocupar uma posição de relevo, sendo percebidas como um ator capaz de desafiar a hegemonia católica e de mobilizar práticas religiosas e sociais de relevância pública. O contraste com o período inicial é notável. Na primeira ocorrência de prisões, em 1939, durante uma marcha contra o fascismo na Estação da Luz, os prontuários indicam que o Estado sequer tinha conhecimento preciso sobre quem eram as Testemunhas de Jeová. Os registros descrevem apenas que “grupos de homens percorreram as ruas centrais de São Paulo levando cartazes de propaganda subversivas contra as agremiações religiosas, em geral, o clero” (Rossi, 1941, p. 481). Nesse momento, os números de adeptos eram ainda pequenos, não exponenciais, e a notoriedade do grupo ainda não despertava grande atenção.

Todavia, nas décadas seguintes, à medida que o grupo consolidava seu crescimento proporcional, organizava suas congregações, expandia a distribuição de



publicações e institucionalizava práticas de evangelização, a eleição simbólica como inimiga ganhou força. Ser reconhecida e contestada pelo clero e pelo Estado não apenas conferiu prestígio estratégico no campo religioso, mas também reforçou a narrativa interna do grupo de ser um agente legítimo e corajoso de sua fé. O crescimento exponencial passou a ser visivelmente percebido e, paradoxalmente, a perseguição tornou-se um indicador de sucesso: quanto mais eram contestadas, maior se demonstrava sua eficácia organizacional e mobilizadora, consolidando sua posição e alterando a hierarquia de relevância dentro do campo simbólico em que atuavam. Esse ganho pode ser atestado pelo aumento da cobertura midiática: a aparição de matérias e informes sobre as Testemunhas de Jeová em grandes jornais nacionais tornou-se cada vez mais comum, indicando não apenas o interesse público, mas também o reconhecimento institucional do grupo como ator relevante no campo religioso.

Por exemplo, o jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, passou a anunciar com frequência as assembleias e congressos das Testemunhas de Jeová. Entre os títulos publicados figuravam: “*Congresso reunirá 25 mil Testemunhas*”, “*Congresso de Jeová atrai mais de 10 mil*”, “*Testemunhas de Jeová se reúnem*”, “*Testemunhas de Jeová em Congresso*” e “*15 mil Testemunhas de Jeová no Maracanãzinho*”; o jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, publicou anúncios como: “*Testemunhas de Jeová em Conferência Mundial*”, “*Novos congressos das Testemunhas de Jeová*” e “*Fortalecimento da Família no Congresso das Testemunhas de Jeová*”; no jornal *Tribuna da Imprensa*, alguns títulos foram: “*Testemunhas de Jeová: 20 mil em São Januário*” e “*Testemunhas se encontram com Jeová nas águas*”. Algumas matérias chegaram a denunciar, ainda que de forma sutil, a perseguição à religião, como em “*Médici cassou os direitos políticos das ‘Testemunhas’*”⁶.

Essa exposição midiática consolidou a percepção da sociedade sobre as Testemunhas de Jeová como uma religião organizada, eficiente e capaz de grandes feitos, ampliando a visibilidade de sua atuação e tornando mais possível a conversão de novos fiéis. Ser eleita inimiga tanto do Estado quanto da Igreja Católica não deve ser compreendida como mero efeito colateral da tática das Testemunhas de Jeová, mas a

⁶ Foram consultadas as edições 14.766, 14.751, 14.746 e 14.511, de 1970, e a edição 15.091, de 1972, do jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro; as edições 824, 980 e 1.000, de 1962, do jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro; e as edições 6.368 e 6.416, de 1971, e 7.431, de 1974, do jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro.



tática em si. Essa formulação implica que a perseguição e a hostilidade dirigidas ao grupo não são apenas circunstâncias externas que incidem sobre a organização, mas constituem, simultaneamente, um componente estratégico central de sua atuação. Ao ser reconhecida como inimiga, a religião obtém visibilidade institucional, tornando-se notória para os agentes que detêm o poder religioso e político, e criando uma presença simbólica que valida e potencializa seu capital dentro do campo religioso.

“As táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas funções de um poder” (Certeau, 1998, p. 102), ou seja, a ação estratégica de um grupo ou indivíduo não se limita a respostas reativas ou a um planejamento rígido, mas envolve uma manipulação inteligente do contexto em que se insere. A exploração dessa condição revela uma compreensão sofisticada da dinâmica de poder e da percepção pública: a perseguição deixa de ser mera contingência e se converte em oportunidade de projeção. Cada prisão, cada denúncia e cada matéria jornalística tornou-se um meio de consolidar a ideia de relevância, disciplina e abrangência da religião, demonstrando que o conflito pode ser instrumentalizado como ferramenta tática.

A trajetória das Testemunhas de Jeová no Brasil ilustra com clareza a complexa articulação entre dominação simbólica interna, adaptação histórica e produção de legitimidade social, não como fenômeno meramente numérico, mas como resultado de estratégias simbólicas e estruturais elaboradas ao longo do tempo. Com base em uma perspectiva decolonial, conforme problematizado por Fratucci Santos et al. (2025, p. 34), percebe-se que a religião pode operar tanto como mecanismo de imposição e controle quanto como espaço de resistência e reelaboração identitária.

Essa ambivalência é fundamental para entender como o capital simbólico gerado internamente se converte em autoridade reconhecida externamente. O estudo de Silveira (2016, p. 132 - 139), ao analisar a dominação interna exercida pelo Corpo Governante sobre os fiéis, evidencia como o controle doutrinário, a homogeneização normativa e a centralização decisória configuram-se como instrumentos eficazes de coesão interna e delimitação de identidade religiosa. Tal estrutura de poder não enfraquece a comunidade, ao contrário, fortalece sua coesão, ao permitir que a legitimidade simbólica obtenha consistência e resistência mesmo diante de hostilidades externas.



Portanto, a expansão institucional e a consolidação social das Testemunhas de Jeová não devem ser interpretadas apenas como sucesso numérico ou adaptação organizacional: trata-se de um processo contínuo de construção simbólica, no qual a religião assume papel de conversor de capital simbólico em autoridade social. Essa autoridade pressupõe tanto o controle interno quanto a capacidade de reelaboração identitária, negociando tensões históricas, culturais e institucionais.

Em suma, a legitimação da comunidade religiosa revela-se como produto de uma dialética entre dominação e resistência, entre poder interno e aceitação externa, configurando uma forma singular de presença religiosa no Brasil contemporâneo. A análise conjunta da base teórica, da história institucional e das práticas religiosas demonstra que a força simbólica das Testemunhas de Jeová não decorre apenas da doutrina, mas de uma estratégia de legitimação construída histórica e socialmente.

Referências Bibliográficas

AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2019.

BARRA, Suely Ribeiro. *O processo de transformação da identidade a partir da conversão a uma nova denominação religiosa: um estudo dos novos convertidos ao grupo religioso das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Mídia, religião e história cultural. *Revista de Estudos da Religião*, v. 10, n. 4, p. 96-115, 2004.

BENATTE, Antonio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. *Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

BORNHOLDT, Suzana Ramos Coutinho. *"Proclamadores do Reino de Deus": missão e as testemunhas de Jeová*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BORGES JUNIOR, Osorio Vieira. *As Testemunhas de Jeová no Brasil: uma perspectiva histórico-cultural (1920-1940)*. 2025. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2025.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.



CASTRO, Eduardo Goes de. *A torre sob vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Tradução, notas e índices de Maria Beatriz de Moura Carrazedo. São Paulo: Paulus, 2018. (Patrística, v. 15)

GASBARRO, Nicola. *Missões: A civilização cristã em ação*. In: MONTEIRO, Paula. Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Ed. Globo, 2006, p. 67-109.

GASBARRO, Nicola. *Religione e/o religioni? La sfida dell'antropologia e della comparazione storico-religiosa*. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (org). *(Re)conhecendo o Sagrado: Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 83-106.

GEERTZ, Clifford. *A Religião como sistema cultural*. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *Imprensa católica no Brasil entre os anos 1928-1940: a revista A Ordem*. *Albuquerque*, v. 5, n. 9, 27 jun. 2017.

Fontes

A História Moderna das Testemunhas de Jeová. *Desperta!*, São Paulo, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania). 15 de agosto de 1955.

Ampliação no após-guerra da organização teocrática. *A Sentinela: Anunciando o Reino de Jeová*, Cesário Lange, SP. 1º de março de 1951, p. 43-48.

Anuário das Testemunhas de Jeová, Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania), 1974.

Arquivo Nacional do Brasil. Encaminhamento nº 0084/CISA-RJ do Ministério da Aeronáutica em caráter sigiloso. 22 março de 1976. Fundo: Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica, p. 12.

Edições 14.766, 14.751, 14.746 e 14.511, de 1970, e a edição 15.091, de 1972, do jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro; as edições 824, 980 e 1.000, de 1962, do jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro; e as edições 6.368 e 6.416, de 1971, e 7.431, de 1974, do jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro.



FRATUCCI SANTOS, Patrícia.; BRITO DE ASSIS FREITAS, Janaína.; VIEIRA DE FREITAS, Rodrigo. Religião e poder: Dominação e resistência intercultural em perspectiva decolonial. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 27–48, 2025.

GRUEN, Wolfgang. As Testemunhas de Jeová. Esboço Histórico. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 21, fasc. 01, p. 77-115, março de 1961.

ROSSI, Agnelo. Testemunhas de Jeová. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. 01, fasc. 03, p. 481-489, 1941.

SILVEIRA, Paulo Henrique Bellonia da. A torre e as testemunhas: um estudo sobre a dominação entre o corpo governante e as Testemunhas de Jeová. *Revista Textos Graduados*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2016.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. *Harpa de Deus*. São Paulo, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania), 1928.

UNIDADE cristã no Brasil. *Desperta!*, São Paulo, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania). 22 de outubro de 1971.

WATCHTOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA: *Testemunhas de Jeová: proclamadores do Reino de Deus*. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania), 1993.

WATCHTOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA. *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço de 2024*. [S.l.]: Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2024. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/Relat%C3%B3rio-Mundial-das-Testemunhas-de-Jeov%C3%A1-do-Ano-de-Servi%C3%A7o-de-2024/>. Acesso em: 19 out. 2025.